

# RELIGIÃO E PÁTRIA.

PERIÓDICO RELIGIOSO, POLÍTICO E NOTICIOSO

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 7.

QUINTA FEIRA 11 DE DEZEMBRO DE 1862

1.ª SERIE.

## EXPEDIENTE.

**A administração d'este periódico participa aos srs. assignantes, que d'hoje em diante podem mandar satisfazer o importe de suas assignaturas, ficando ao arbitrio dos srs. assignantes de fóra do concelho o poder fazel-o por vales do correio.**

GUIMARÃES 10 DE DEZEMBRO.

Se ha em nossos tempos alguma cousa que deva recomendar-se como uma das melhores e das que mais aproveitam á paz e á prosperidade publica é, por certo, o respeito e o amor pela auctoridade.

D'ha seculos a esta parte, o espirito da revolução tem abatido successivamente o esplendor da auctoridade, e por tal arte se tem havido, este espirito destruidor — que nenhuma, por mais que se julgue segura e livre da influencia d'elle, poderá gabar-se de lhe ter escapado inteiramente.

E de feito, quem espreita as tendencias de nossa época verá que a auctoridade, a qual quer que seja seu nome e suas attribuições, é a cousa que se supporta mas que já se não ama — tristissima realidade que a observação dos ultimos tres seculos e mormente d'estes ultimos tempos nos tem mostrado em toda a evidencia de sua luz.

Desde que se pretendem dar á liberdade e á igualdade uma extensão que ella não pôde ter, desde que se começou por affagar certos instinctos de independencia que vão dar no individualismo ou n'um egoismo selvagem, e certos desejos de igualdade que deve pôr todos os meritos e todas as condições debaixo do mesmo nivel, era preciso que a auctoridade que era a negação formal d'esta pretendida igualdade, e independencia, fosse desconsiderada no conceito publico, — era preciso ainda mais, que ella dêsse campo á revolução, que a deixasse proseguir em suas conquistas, e que desaparecesse por fim, como um fantasma sombrio, cujo reinado de trevas e de ignorancia devia acabar para sempre, deixando ás gerações nascentes o reinado da verdadeira luz.

E' n'este intuito que a revolução tem descarregado mais violentos e repetidos os seus golpes na auctoridade, principalmente na suprema auctoridade religiosa, porque quando esta que assenta o seu dominio na Palavra Divina e na consciencia dos povos houvesse de cahir e desaparecer, deveriam cahir e desaparecer com ella todas as mais por absurdas e odiosas; e se no entanto a revolução não tem podido, nem poderá jámais fazel-a desaparecer, porque a Providencia compraz-se de confundir o pensamento dos maus e de confirmar por elles proprios, sua Divina assistencia e sua protecção indefectivel pela Igreja catholica, tem conseguido todavia, sublevar contra ella toda a casta de paixões, tem suscitado contra ella partidos e governos, tem-na desacatado na imprensa, nas praças e nos parlamentos, tem-na exposto aos risos e aos di-

cterios da ignorancia malevola e presumida, tem-na apontado como um tropeço que não deixa passar para além a civilização requerida por este seculo, tem conseguido emfim que o homem da moda e do progresso se envergonhe de fallar d'ella, quando não seja para lhe atirar com insultos ou para fazer d'ella assumpto de chufas e de *bons ditos*.

Assim não admira que a auctoridade, quaesquer que sejam suas modificações, seu nome e sua preeminencia, á vista da depressão d'aquella — a mais eminente, a mais soberana, e a mais veneranda de toda a terra, veja cahir igualmente seu prestigio e perca seu esplendor e sua influencia diante do povo que tendo aprendido, muitas vezes, d'aquelles que se propõem para governal-o, a não respeitar nem amar o seu Pontifice, aprendeu juntamente, e por uma rigorosa consequencia a não respeitar nem amar auctoridade alguma. Sofre-a mas queixando-se d'ella como de uma tyrannia e de uma violação de seus direitos, mas procurando sempre e com maior empenho, ter mais occasiões de accusal-a que de louval-a; mas applaudindo suas quedas ou alegrando-se de ter illudido seu zelo e sua vigilancia.

A independencia na ordem religiosa deve trazer consigo a independencia na ordem politica e civil; e se fosse possivel conseguir-se que a voz do soberano Pontifice não fallasse mais á consciencia dos povos ter-se-hia conseguido a escravidão ou a anarchia.

Não pôde ser outro o fim da revolução que caminha marcando sua passagem pelo desdouro e pelo abatimento de toda a auctoridade.

Portanto, é só restabelecendo o respeito e o amor que ella tem perdido no coração dos povos, que se poderá pôr obstaculo aos progressos da revolução anti-catholica (é d'esta que temos fallado até aqui) é só restabelecendo o respeito e o amor, mas o amor nobre, sincero e leal que se não cala diante dos maus actos de quem quer que tenha a seu cargo a direcção dos negocios publicos, mas o amor que se queixa livremente pela palavra e pela escripta e com tanta mais vehemencia quanto maior é o desejo de que se façam dignos da publica veneração os que por qualquer modo exercem algum poder e se decoram com o nome de auctoridade.

## ESTAMOS DO LADO DA CRUZ

Triste e lastimosa epocha é esta em que vivemos. As noções do justo, como se a sua essencia fosse mudavel, querem que variem ao capricho dos interesses dos que ajudados da força bruta, as proclamam boas ou más. Querem que se renda culto á mentira. Que se levantem altares á impiedade; e arcos de triumpho ao primeiro blasphemio, que mais desapiedados golpes descarregar sobre a Cruz.

Cada um d'estes golpes é festejado com ceileuma selvagem.

O espirito das trevas parece fascinar aos que julgam possivel ver cahir esse symbolo da nossa redempção.

O desengano não os desillude. Uma tentativa vã, tomam-na como aproximação do que mais vehementemente apetece. Os seus triumphos ephemeros acreditam-nos como obra feita e indestructivel, a que apenas é necessario dar-lhe o ultimo aparelho, aprimorando-a assim.

A Cruz, essa arvore que nos remiu e civilisou quando a mão do impio, em delirio phrenetico, a sacode querendo arrancal-a, só faz com que d'ella

caiam os sazonados fructos da verdade, justiça e sabedoria da Lei Sancta, do que n'ella foi crucificado.

O que morre fóra do gremio da Igreja, fazem-se-lhe como por acinte á mesma Igreja, o que ella só permite, se faça ábs que sempre se lhe conservaram fieis; assim caminha o mal, e toma grandes dimensões.

A Religião e seus ministros, desde o Bispo até ao mais humilde cura d'aldeia, são atacados e ludibriados, quando se não mostram um Passaglia, ou um Frei Pantaleão.

O espirito anti-religioso, pela mais insupportavel das inconsequencias, arroga-se o direito de tudo destruir e para as instituições, como o Papado, que tem sido, e são, apóstrofo do que os seus detractores dizem em contrario, a garantia das sociedades; para essas querem o extermínio com ferro e fogo, e com a palavra blasphemica, que erva a fé, no animo dos incultos e ignorantes, como o fogo lambe e consome o pasto seco no calmoso verão.

Querem despojar o Papa do governo temporal; desconhecem assim o direito que era valido, para d transmitirem como tal aquelle, que pelo mais brutal de todas os direitos — a força — o possui.

A calunnia não se poupa, faz-se uso d'ella em larga escalla.

Os vicios mais torpes, a intriga, a devassidão e a hypocrisia, são os arabescos com que a impiedade cerca e infeita esse grande quadro, que representa Roma e o seu governo; pondo-lhe como fundo infamias, e como colorido sangue.

O Papa, e com elle a Cruz, é a quem hoje se tenta por todos os meios derrubar e n'este combate traioeiro, disfarçado algumas vezes com fementidas promessas, offerecem Roma ao vencedor, como incentivo, e á revolução, como premio e coroa de seus trabalhos.

Por agora felizmente, a França tomou nos negocios da capital do mundo catholico, o lugar honroso, que o seu titulo de Christianissima lhe incumbem desempenhar. Ante as Lizes que defendem Roma, a revolução rugue e esbraveja; mas cobarde teme receber dura lição.

Conserve a França, como governo o lugar que occupa; e seus filhos como particulares e como christãos, praticaram em Castelfidardo, morrendo como heroes e como martyres, quando secunbiram n'essa lucta de um para dez ás mãos de um Cialdini, que assim mesmo se payoneava do que houvera conseguido com tão desproporcionadas forças; mas certos estamos, que em a França guerreira e catholica traçando com a ponta da sua espada os limites, que os Cialdinis e Garibaldis não devem transpor; elles os não transporão.

O Imperio Ottomano podre e caduco, já não ameaça nem intimida as nações catholicas; antes hoje d'ellas precisa, talvez, para não cahir feito pedações.

Já não é preciso um Pedro Eremita prégando as Cruzadas. Já é inutil ouvir o tropear de innumeros ginetes correndo para a guerra Santa. Já é desnecessario para aquelle fim, reunir em brilhantes esquadrões a flor da cavallaria christã, coberta de emplumados elmos e rutilantes armas, e sopesando fortes lanças correrem avidos de gloria e cheios de fé, ao campo de batalha, contra os descrentes sectarios de Mafoma.

Se existissem, tambem não seriam necessarios

para esse fim, os fortes cavalleiros do Templo, que debaixo das armas symbolisavam um muro de bronze, e quando assim formados, apenas se ouvia no meio d'aquella reunião de valentes o viciado da sêda do seu estandarte, solto ao vento; mais quando arremecavam e de roldão cahiam sobre o inimigo cou-se alguma era capaz de contê-los.

Hoje, se houver crusadas, como já houve uma commandada pelo bravo e valente general La Moriciere, é para guerrear, não turcos, mas gentes que se dizem catholicas!!! No meio da luta encontraremos por desgraça o irmão e o amigo, uns combatendo pela Cruz e outros para derrubal-a. Como o genio das trevas folgará com esta guerra impia e fratricida!

Nós seremos pela Cruz, e por ella combateremos quanto as nossas forças o permitam.

Não somos da raça dos espiritos fortes, a nossa posição humilde, e resignada em frente da Cruz, temol-a por mais gloriosa do que esse escarneo insolente, com que alguém mostra querer despresal-a.

Antonio Lucio Maggessi Tavares,

(Fé Catholica)

O Vimaransense treloucou á força de sciencia e aviltou-se á força de soberba. Por certo que estudou muito, mas para se perder a si e áquelles que o lêrem e crêrem.

E' caso averiguado que nada aproveitaram para o collega as nossas reflexões: pelo contrario, temol-o envespado, temol-o talvez forçado a *prostituir-se* arremessando-nos com novas injurias, calumniando-nos, mentindo ao publico e tornando-se por isso cada vez mais cynico e immoral.

Não nos daremos ao trabalho inglorio de analysarmos o seu artigo de terça feira para o refutar-mos parographo por parographo. Quem tiver seguido placida e imparcialmente esta questão em que nos empenhamos verá de que lado está a razão e a justiça.

O que porém vamos fazer é mostrar a alguém que por ventura possa ser embaído pela sua má doutrina que o collega foi cynico e immoral como lh'o havemos dito e que foi calumniador convicto e não calumniado como perfida e impudentemente pretendêra inculcar.

No Vimaransense de 18 de Novembro lê-se o seguinte — «O grande oriente da confederação maçônica portugueza, que assumiu pela deploravel morte do sr. José Estevão, grã-mestre da mesma confederação, a suprema direcção da ordem fez baixar ás lojas a seguinte proclamação» (segue-se a proclamação, que omitimos por desnecessaria).

E' pois o Vimaransense que nos afirma por sua conta e risco, que o sr. José Estevão era o grã-mestre da confederação maçônica portugueza, e que nos offerece por conseguinte o facto pelo qual dissemos conscienciosamente que era uma injustiça unil-o no mesmo panegyrico com o Sr. D. Pedro V.

E agora querem saber os leitores onde está a confusão tenebrosa do justo e do injusto? Querem d'isto uma explicação mais clara do que a que demos em o nosso numero antecedente? Eil-a ali vai — O Sr. D. Pedro V era um rei virtuoso; temia a Deus, e amava a sua patria: fallam por nós os actos de sua vida publica e particular, falla o paiz inteiro, e nem o Vimaransense ousará contestal-o: o sr. José Estevão, porém, era, segundo o Vimaransense, o grã-mestre da maçonaria — quer dizer, o homem que presidia a uma associação prohibida e condemnada com a gravissima pena da excommunição maior *ipso facto* pelos SS. PP. — Clemente XII na sua Constituição — *In eminenti* — expedida no anno de 1738 — Bento XIV Const. *Providas* em 1751 — Pio VII Const. *Ecclesiam* 1821 — Leão XII Const. *Quo graviora* em 1825 — Gregorio XVI na Encyclica — *Inter*, e pelo actual Pontífice Pio IX — na Encyclica *Qui pluribus* 1846. Logo era injustiça coroar no mesmo panegyrico o sr. José Estevão com o Sr. D. Pedro V, sobre o qual nunca de certo recahiu esta pena. Mas o Vimaransense que por certo não quer saber d'estes *carolismos* e d'estas *hypocrisias* não se lhe deu de juntar *aquelles dois nomes tão diversos* embora para nós, homens de *scrupulos* nos pareceisse isto uma confusão tenebrosa do justo com o injusto. Mas perdoem-lhe os leitores: pôde ser que não pertença á communição catholica e

então não ha na consciencia d'elle esta tenebrosa confusão.

Mas terão para o Vimaransense algum peso as leis patrias? serão ellas feitas para se lhes desobedecer impunemente? poder-se-hão infringir sem que se offenda a justiça? por certo que não, e é forçoso dizer-se que «E' illicita e não pôde ser auctorizada qualquer associação, cujos membros se impozerem com juramento, ou sem elle, a obrigação de occultar á auctoridade publica o objecto de suas reuniões ou a sua organização interior; e os que n'ella exercêrem direcção ou administração serão punidos com prisão de dois mezes a dois annos, os outros membros com metade d'esta pena» Cod. Pen. cap. XII ses. 2.ª art. 283.

Ora como a maçonaria da qual, segundo o Vimaransense, era grã-mestre o sr. José Estevão, é uma d'essas associações cuja organização interior é occulta á auctoridade publica, de certo aquelle que presidia a esta associação infringiu esta disposição do Cod. e offendeu a justiça. Mas não param aqui as infracções. Ha ainda est'outra do Alvará de 30 de Março de 1818, da Carta de lei de 20 de Junho de 1823, e de 5 de Julho de 1824.

Juntar pois no mesmo panegyrico este publico infractor das leis do reino com o chefe supremo da nação, com o virtuoso rei o Sr. D. Pedro V, e isto quando se commemorava o dia anniversario de sua morte, não será uma confusão tenebrosa do justo e do injusto? e além de tenebrosa não será uma confusão despejadamente cynica e immoral? E não será duplicadamente cynico e immoral o collega, quando insiste em justificar esta confusão e em carregar d'injurias aquelles que a reprovam?

«*Il rira bien qui rir le dernier*» disse com muita vantagem e graça o sr. Casal Ribeiro: *il rira bien qui rir le dernier*, disse o collega com muita desvantagem e semsabor.

Pede a ordem que mostremos agora que o Vimaransense é calumniador convicto e não calumniado como perfida e impudentemente pretendêra inculcar.

Haviamos nós dito no nosso numero antecedente — «Pois o collega (Vimaransense) não sabe que confundiu o justo com o injusto quando declamou contra os defensores da religião, e quando se calou acerca d'aquelles que a perseguiram?» A isto responde o Vimaransense — «Se o estylo é o homem o collega...» e continua dizendo — «Pois onde encontrou este *escorpião tonsurado* qualquer passagem da nossa pena que se possa classificar offensiva aos defensores da religião? Por Deus, collega, que se prostitue até ao tremedal dos calumniadores d'officio!...»

Quer pois saber o collega quando é que da sua penna sahiu *passagem offensiva aos defensores da religião*? Quer saber quando? — foi no dia 9 de Setembro quando escreveu — «... alguns jornaes inquinaam a religiosidade de seus adversarios para os desmerecer no conceito publico, e se convertem em DEFENSORES da religião, que todos reverenciam e só elles desacatam, e negariam até se o conhecimento de *novos Judas* aproveitasse a alguém o valor de 30 dinheiros...». Foi então: e com quanto pareça inculcar que falla dos maus e falsos defensores da religião, é todavia certissimo que, pelo que temos deprehendido de sua doutrina, se dirige aos verdadeiros defensores, os quaes tinham razões de se julgarem injuriados se o collega os chamasse bons.

Por aqui, pois, nos vai calumniando torpemente, chamando-nos calumniadores.

Mas o collega é ainda calumniador quando, respondendo a um parographo do nosso artigo, nega que se tivesse lançado furioso e chôcarreiro contra o clero, fingindo esquecer-se do que escreveu no seu n.º 54 onde se lê — «Ora custa a crer que o estado clerical esteja tão atrasado, e que haja n'esta classe uma ignorancia tamanha!!!...» e quando mais abaixo escreve umas quadras chulas e indecentes que nos abtemos de transcrever.

E' ainda calumniador quando nos chama panegyristas de Telles Jordão e Pitta Bezerra, sem nunca lhe havermos feito panegyricos: e é ainda mais calumniador quando, desde o principio d'essa questão em que se empenhou commoço, nos accusa de o havermos censurado por louvar o sr. José Estevão, sendo que, pelo contrario, tinhamos escripto no nosso n.º 4 — «Não accusamos ninguém por louvar

um homem. Cada qual pôde exaltar aquelle que fór mais de sua predilecção, pôde estudal-o pela face melhor, mais favoravel e mais bella, pôde compor á vontade o seu ideal e expol-o depois triumphante ás admirações e ao entusiasmo publico. Pela nossa parte gostamos muito mais — incomparavelmente mais — dos que se inclinam para esta face, que d'aquelles que têm por costume e gosto, fugir d'ella para nada perderem da contraria.»

Vamos pois propaladores d'embustes, abri os *d-forges* das vossas desaguizadas malquerenças, e cuspi sobre nós toda a pegonha dos vossos insultos. Podeis carregar-nos d'injurias, podeis calumniar-nos, podeis derramar sobre nós todo o fel da vossa ira satanica; mas o que vós não podeis é illudir-nos.

Sabemos que a vossa arma é a calumnia, a falsificação e a mentira, com que pretendeis ferir os que, por cumprimento do seu dever, vos contrariam.

Sabemos que sois uns ruins discipulos d'aquelle ruim mestre que dizia — «Menti, menti, que sempre d'essa mentira ha de ficar algum fructo — *Il en restera toujours quelque chose*».

Vamos pois — A calumnia deixava sempre grandes cicatrizes quando se não esmaga o escorpião sobre a chaga — vamos: engoli essas palavras que são a vossa sentença e a epygraphe do vosso miseravel artigo.

## REVISTA DOS JORNAES.

### EXTERIOR

As folhas da ultima semana não abundam em noticias importantes, além de que o espaço que temos d'esta vez para esta parte da folha é diminuto; portanto vamos dar em resumo o que ha digno de noticiar-se.

Por noticias de Roma de 22 de Novembro sabemos que havia chegado ali o sr. duque de Saldanha, embaixador portuguez junto á Santa Sé; tendo sido já visitado pelos cardeaes Antonelli e di Pietro, e brevemente teria logar a recepção de Sua Santidade.

O Principe de Galles já deixou Roma, e o da Prussia ainda se demorava mais alguns dias. Estes principes foram recebidos pelo Santo Padre, e n'esta occasião felicitaram-n'o pela sua firmeza em defender os seus legitimos direitos contra os principes protestantes; isto basta para dizermos o bastante.

O ministerio piemontez pediu a sua demissão; veremos quem o substitue.

Achamos nos jornaes duas noticias de grande alcance que não podemos deixar de as reproduzir. A primeira é de ter o imparador dos francezes resolvido, que em quanto fór vivo o actual Pontífice se não torne a tratar da questão da evacuação de Roma. A segunda dá a conhecer que a conjuração formada contra a vida do imperador dos francezes era mais grave do que a principio se julgava.

O plano era traçado para quando o imperador fosse assistir á inauguração do boulevard do principe Eugenio. Quinze pessoas armadas de revolvers haviam de collocar-se no largo que o imperador devia percorrer disparando uma após outra, até que elle cahisse morto.

Têm-se tomado grandes precauções, que por falta de espaço não podemos dar noticia n'este numero.

(A PEDIDO)

### SONETO

A pedido do meu amigo o ex.º Gaspar Pinto do Amaral e Freitas

COLLOCADO NA EÇA DO FALLECIDO

JOÃO LEITE DUARTE.

Vem o pranto exprimir sobre o jazigo  
A dôr acerba d'um sentir pungente,  
Que ralla o coração, vacilla á morte  
A sorte infarsta do l'al amigo!

Tu na terra, meu Leite, foste amigo  
Da linguagem mordaz e repente;  
Dos braços maternas, obediente,  
Não vias punição, vias abrigo.

Eras jovem! e só n'esse teu peito,  
Sensível á gratidão e á candura,  
Se viam contulções de honroso peito!!!

Adeus ó Leite! adeus!... — á amargura,  
Só me deixa dizer-te que respeito  
Crenças com que baixaste á sepultura!

A. F.

## BANDO ESCOLASTICO

RECITADO NO DIA 5 DE DEZEMBRO DE 1862

por

Domíngos Ribeiro da Costa Sarpaio.

Perdera Lyzia o mais querido filho  
Que á sua croa dava immenso brilho  
— A joia de seu throno valiosa,  
E dos regios jardins a flor mimosa.  
O rei magnanimo de reis modelo,  
Amante do seu povo com disvello,  
Que ás artes e ás sciencias dispensara  
O seu amor e a protecção preclara,  
— Verdadeiro ornamento da virtude,  
Ao tumulo desceu na juventude.  
Era justo que os filhos da sciencia  
Respeitassem do merito a excellencia  
Do rei, que tantas paginas de gloria  
Bem gravadas deixou na luzta historia,  
E de todos se fez hempiusito e amado.

Mas cesse a triste ideia do passado!...  
Cessem dores cruéis e o justo pranto;  
Cruéis lembranças que magoam tanto!  
Que já lá no horizonte nova estrella  
Se vai mostrando radiosa e bella.  
Já se arreiam cinzas espumantes:  
Ondeiam as bandeiras triumphantes!  
E os hymnos festivos e d'alegria  
Sandam de Nicolau o justo dia.  
Amanhá se verá maior pomposo  
Dia solemne de ineffavel gozo.  
Alerta, Guimarães, embraca ovante  
O teu aurifro escudo rutilante:  
Veste as galas da festa mais vistosas!  
Adorna a fronte de púrpureas rosas,  
E vem ter parte nos folgares ledos,  
Airosas danças, infantis brinquedos,  
Que nobres filhos teus primando na arte  
Contentes mostrarão por toda a parte,  
Com que ás damas o prouto renderão  
Do terno e sempre firme coração,  
Symbolisado na modesta offrenda  
D'amor sincero valiosa prenda;  
— Lotras castanhas, carminados potnos —  
Havendo em troço d'um sorrir assomos,  
Companheiros lieis da sympathia,  
Manifestos com toda a bizarría.  
Mas não pense por hi qualquer janota,  
Figure embora de luzida bota,  
Seja da msda mesmo um figurino,  
Em ter obrado com prudencia e tino,  
Se amanhã co'o estudante encaretado  
Vier por graça todo empavonado  
Figurar na ecclastica função: —  
Quer seja de faceto ou de pimpão,  
Será loucura, .. cuide no que digo;  
Pois tomará de certo por castigo  
No tanque do Toural um banho fresco,  
Que em Dezembro será não máu refresco.  
Não pense em resistir, em vão se empenha;  
Então a cousa é seria; — temos lenha!!!  
Não lhe valle ser mesmo um parvalheira  
Se cruzado se arrojar a tal asneira,  
Já desde longas eras caprichosa

A nóbrega mocida le estadiosa  
Timbra por serem com respeito illosos,  
Sens foros e direitos indefesos.  
Está di-tada a lei, somente resta  
Avanté annunciar á russa festa:  
Rufem tambores, zabumbas soem,  
E vigorosos pelo espaço voem  
Os ecços triumphaes alti-sonantes!  
Escutem-nos os povos mais distantes:  
Haja d'elles noticia em todo mundo,  
Até nas regiões do mar profundo.

J. F. M. d'Abreu.

## REVISTA NOTICIOSA.

**Romagem.** — Foi na segunda feira a romaria de Nossa Senhora da Conceição, no logar do mesmo nome, a três de meio kilometro de distancia d'esta cidade. Concorreu immenso povo da cidade, e aldeias, formando um boato e vistoso arraial de cerca de mil pessoas.

Não nos consta que houvesse alteração na ordem publica.

**Festividade.** — Fez-se na igreja de S. Francisco a da natividade de Nossa Senhora. A festa foi á cantochão e órgão, e orou de tarde o sr. abbade de Taboaddello.

**Epitalâmio.** — Uniram-se domingo pelos sagrados laços do hymneu o ill.<sup>mo</sup> sr. Francisco da Costa Sampaio e Castro, acre litado negociante d'esta cidade, com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Custodia Garmina de Freitas.

Desejamos aos novos esposos uma prolongada lua de mel.

**Medalha.** — Recebemos e agradecemos a que o ill.<sup>mo</sup> sr. José Arnaldo Nogueira Molarinho abriu para commemorar o 4.<sup>o</sup> de Dezembro, anniversario da nossa emancipação e independencia pela restauração de 1640.

A medalha apresenta o busto, em alto relevo, do primeiro rei da dynastia de Bragança, que tem á volta a legenda — «D. João IV, rei de Portugal».

No reverso lê-se, no centro, o seguinte — «1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1862, Porto», e á volta — «Aos restaurados de Portugal de 1640».

Esta medalha está obrada com a maior perfeição, e o sr. Molarinho, já sobejamente conhecido pelos seus primorosos trabalhos em marfim, deu agora mais uma exuberante prova do seu grande talento artistico.

Nós, que nos gloriamos de ter como patricio e amigo o sr. Molarinho, agradecemos penhoradamente a sua obsequiosa offerta, e, em nome da terra, que o viu nascer, endereçamos-lhe d'aqui os mais gratos parabens.

**Honra bem merecida.** — A commissão instalada da Associação Portugal Restaurado, 4.<sup>o</sup> de Dezembro, depois de agradecer ao distincto artista J. A. N. Molarinho o patriótico pensamento que teve de abrir e publicar a medalha commemorativa do 4.<sup>o</sup> de Dezembro de 1640, offereceu-lhe o titulo de socio honorario da dita associação, que o sr. Molarinho gostosamente accitou.

E' assim que se animam os talentos, e que se estimulam os artistas á perfeição das suas obras.

Oxalá que a patria lhe não seja agora madrastra, e que o sopro mortifero das paixões lhe não esfrie a ardencia de suas inspirações artisticas.

**Assassinato.** — Na segunda feira pelas 8 horas da noite, foi traiçoeiramente assassinado com uma estocada no coração José Fernandes, tamanqueiro e vendedor de vinhos na rua do Cano de baixo. Ainda se não descobriu o perpetrador d'este crime, mas já se acham presos nas cadeias d'esta cidade alguns que se presumem cúmplices n'elle.

A respeito d'esta atrocidade sabe-se o seguinte:

O assassinado estava em casa na companhia d'um pedreiro, chamado Crespo, d'um official d'este pedreiro, d'um celebre José da Taipa, negociante de vinhos da freguezia d'Atães, e d'um seu cunhado. Este José da Taipa retirando-se pediu ao assassinado que o acompanhasse até á Cruz d'Argolla, porquê levava consigo algumas moedas, e tinha receio de ser roubado. O assassinado convenci n'isto, e quando estavam para sahir, o pedreiro Crespo e os outros, offereceram-se também para os acompanharem. Sahiram pois, e chegando ao Cano de cima, um d'ellos bateu á porta do pentieiro José Aleixo, que lh'a veio abrir. Quando ainda estavam a entrar, e enquanto o José Aleixo accendia a luz, o pobre tamanqueiro cahiu, sem dizer palavra. José Aleixo, persuadido que a queda do homem fóra causada por embriaguez, gritou-lhes que não queria bebados em casa. Neste entrelahio já um dos que o tinham acompanhado, tinha ido participar á mulher do morto, que seu marido tinha cahido, e estava para morrer. Esta, chegando ao logar dosuccedido, e ainda persuadida, que seu marido tinha morrido de morte natural, chorou amargamente esta fatalidade, e fez conduzir o cadaver para casa, e foi ahi que se reconheceu que o pobre tamanqueiro tinha sido victima d'uma estocada no coração, tão habilmente dada, que nem ao menos pôde gritar.

A auctoridade administrativa procedeu logo á captura de todos aquelles que, pelo que deixamos dito se presumem cúmplices n'este crime, e a auctoridade judicial, tomando conhecimento do facto, mandou proceder ao competente actto de corpo de delicto

**Annuncios.** — A última hora recebemos os que em seguida publicamos:

**Antonio José de Meira,**  
thesoureiro da Confraria do  
Santissimo Sacramento da  
freguezia de S. Pedro Fils  
de Gominhões, tem a dar a  
juro, da mesma confraria, a  
quantia de trezentos quatro  
mil e vinte e um réis, a quem  
prestar as devidas seguranças.  
13

## AGRADECIMENTO.

Francisco José Ribeiro Guimarães, não podendo agradecer pessoalmente a todos os snrs. que o visitaram na occasião do seu incommodo de saude, o faz por este meio, protestando-lhes a sua gratidão. (1)

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

### REVISTA AGRONOMICA

Zootecnica, litteraria, e noticiosa

REDIGIDA

Por D. José d'Alarcão

Publicou-se o n.º 2 — Tomo 3.º da 2.ª Se ie cobrindo — A cultura do algodão — Algodão —

*E' conveniente semear ou plantar? — Arrozões (comunicado) — Do melhoramento da agricultura pelo capital — Chronica — Hespanha: effeitos das publicações; escola de agricultura; o trevo de Bokara; noticias dos campos e mercados. — Italia: defeitos da machinas de debulhar de Lotz; sachá das videiras; preparação do estrume de estabulo e meio de concentrar o azote; emprego da cal; excrementos humanos; meio de os desinfectar; noticias das colheitas e mercados — Belgica; emprego do gesso; meio para expulsar as moscas; effeitos do chlorureto de cal. — Franca: os cancro das arvores e sua cura; formação de renovos no pecegueiro, as joelheiras dos cavallos. — Inglaterra: a exposição universal; sexo dos ovos; carneiros chinezes.*

*Sustento dos animaes domesticos, accidentes e meios de os prevenir — Conservação dos instrumentos agricolas.*

A *Revista Agronomica* publica-se a 10 e 15 de cada mez em brochura de 24 paginas, ornada com os gravuras necessarias para a intelligencia do texto.

Recebem-se assignaturas para este periodico em Lisboa — no escriptorio da *Revista Agronomica*, rua dos Poyaes de S. Bento n.º 110, 1.º andar — nas lojas de livros do sr. Lavado, rua Augusta n.º 31 e 33; na do sr. Silva, Praça de D. Pedro; em Valença, no escriptorio da *Voz do Minho*; em Vianna, no escriptorio da *Aurora do Lima* sendo:

Por um anno 2\$000 — Por seis mezes 1\$000 — Por tres mezes 500 — Numero avulso 100

As assignaturas são pagas adiantadas. A despeza das estampilhas é feita pela empresa. As correspondencias, communicações etc., deverão ser enviadas ao escriptorio do jornal, francas de porte.

## O PROGRESSO

PELO

### CHRISTIANISMO

CONFERENCIAS RECITADAS NO TEMPLO

DE

## NOSSA SENHORA DE PARIZ

PELO REVERENDO PADRE FELIX

DA

COMPANHIA DE JESUS

VERTIDAS EM PORTUGUEZ

POR

M. F. Correia da Silva

Publicaram-se as Conferencias do anno de 1862

Preço para os srs. Assignantes da *Fé Catholica*

(um exemplar) . . . . . 360

« Avulso . . . . . 500

Tendo a empresa da *Fé Catholica* resolvido publicar todas as Conferencias do mesmo Reverendo Padre recitadas nos annos de 1856, 57, 58, 59, 60 e 61, para o que já estão no prelo as de 1861, recebe desde já assignaturas com pagamento adiantado, pela maneira seguinte:

Para os srs. Assignantes da *Fé Catholica* (toda a collecção) . . . . . 2\$500

Avulso (antes da publicação) . . . . . 3\$000

Depois de publicado (cada volume) . . . . . 500

Os srs. Assignantes da *Fé Catholica* que já tenham assignado e pago as Conferencias de 1862, só têm a remetter para toda a collecção, a quantia de 2\$160 rs.

Toda a remessa para as provincias é feita por

conta da empresa, e só aos volumes completos e bruxados.

A remessa do dinheiro poderá ser feita por meio de valles do correio ao sr. Antonio Joaquim do Vadre Manique, escriptorio da *Fé Catholica* rua da Escarção n.º 20 Lisboa.

## ARCHIVO JURIDICO.

PUBLICAÇÃO REGULAR DA LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESSE TANTO ANTIGA COMO MODERNA

EDITOR — J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 15 da 2.ª serie que contém:

*Legislação sobre execuções fiscaes administrativas por tributos — e judiciaes por fóros, censos e pensões, ou juros de capitaes pertencentes á fazenda nacional*

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bom jardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram colleções completas da 1.ª e 2.ª series do *Archivo Juridico*, comprehendendo a 2.ª serie a seguinte legislação especial — Lei da Desamortisação; Lei do Sello; de Transmissão; Lei do Registro; Lei da Contribuição Pessoal; Lei da Contribuição Industrial; Lei da Contribuição Predial; Lei dos Jurados, lei que regula a distribuição dos processos aos escrivães. Lei que altera a Reforma Judiciaria. Lei que concede serventuários aos escrivães, tabeliães e recebedores; Lei e regulamento do Registro Parochial; Regulamento dos Lyceus — Exames de habilitações — Instruções para estes exames; Alterações na formação das matrizes — Instruções do processo das cauções — Ordem aos escrivães de fazenda para deixarem de receber 50 rs. (a titulo de emolumentos) de cada documento que sellarem — Lei dos arrematados; Legislação sobre expropriações.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

Toda esta legislação é seguida dos respectivos regulamentos, e vende-se em bruchuras separadas.

N. B. Cada n.º do *Archivo Juridico* custa a modica quantia de 120 rs. enviado franco de porte para as provincias.

O *Archivo* troca com todos os jornaes politicos e litterarios, e annuncia todas as publicações de que lhe mandarem dous exemplares.

O numero 16 conterà a

Legislação sobre os fóros, censos, pensões, etc. etc., desde a sua extincção em 1832 até 1846

Decreto de 13 de agosto de 1862 sobre registro de minas.

Portaria de 19 de agosto, dando diversos esclarecimentos aos arrematantes de bens ecclesiasticos sobre rendas vencidas e vencendas,

Portaria de 14 de outubro que regula as habilitações para escrivão de fazenda.

Decreto de 22 de outubro sobre provimento dos officiaes de justiça.

## DESPEDIDA.

D. João Peixoto da Silva tendo-se retirado por algum tempo para Lisboa, está ahi á disposição dos seus amigos, de quem não teve tempo de se despedir pessoalmente, e por isso pede desculpa de o fazer por este modo. (2)

## ANNUNCIOS.

**Quem pretender comprar as casas numero 5, na rua de Santa Maria, pertencentes a D. Margarida Carolina de Castro, da villa de Melgaço, falle com Antonio José Vieira de Faria, da casa da Bornaria, de S. Pedro d'Azorem, que tem poderes para contratar sua venda, e dar todos os esclarecimentos precisos.** (8)

## ATTENÇÃO.

**Emilia Candida de Carvalho faz publico, que vai abrir na rua dos Mercadores um novo estabelecimento de confeitaria, onde se encontrará dôce de todas as qualidades, e por preços commodos.** (9)

## AOS SRS. FACULTATIVOS.

**Na pharmacia d'Antonio José Pereira Martins, rua de S. Damaso, encontram-se á venda pilulas de Cauvin e oleo de figados de bacalhau do dr. Jongh, medicamento este mui eficaz para os doentes, não só pelas suas virtudes medicas, mas tambem por se tornar mais agradável ao paladar.** 6

HA para dar a juro da lei a quantia de reis 551\$296. Quem o pretender dirija seu requerimento ao juiz e mesarios da Irmandade das Almas, da freguezia de St.ª Marinha da Costa. (10)

QUEM quizer comprar um carroção com lugar para seis pessoas falle com Antonio Vieira, em casa do Thadeu, gradeiro, na rua de Santa Luzia, o qual dirá quem o vende. (11)

Os Mezarios da Irmandade das Almas da egreja de S. Paio d'esta cidade participam, que os repiques feitos para anjinhos na torre d'aquella egreja são a 240 reis cada um. Para o toque dos mesmos podem dirigir-se ao servo da dita irmandade. (12)

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 1\$200 rs. — com estampilla 1\$450 rs. — Por 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão gratuitas, sendo enclavadas a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.